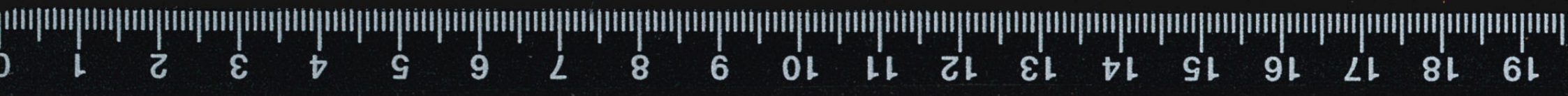


SC.341/224

Semiramide

65250



SEMIRAMIS:
TRAGEDIA

EM MUSICA DE ROSINI,
PARA SE REPRESENTAR

PELA

COMPANHIA ITALIANA
DO

REAL THEATRO DE S. JOÃO
DA CIDADE DO PORTO,

em 29 de Março de 1827,

EM BENEFICIO

Primeiro Contralto Absoluto

Judith Schioli.

LIVRETO OFFERECIDO

a *Illustrissima Senhora*

D. Joaquina d'Albrey de Luna.

65250



PORTO:

IMPrensa DO GANDRA.

Com licença.

RACCOLTA

MANOEL DE CARVALHAES

Dupl.

PERSONAGENS.

SEMIRAMIS, Rainha de Babilonia,
M: *Atlasson.*

ARZACE, Commandante das Tropas,
J: *Schiroli.*

ASSUR, Principe do Sangue de Belo,
E: *Ferrero.*

IDRENO, Rei dos Indios,
L: *Frontini.*

AZEMA, Princeza do Sangue de Belo,
C: *Bigati.*

OROE', Chefe dos Magos,
G: *Guilhelmo.*

MITRANE, Capitão das Guardas Reaes;
L: *Rigola.*

SOMBRA de Nino,
Curti.

Sátrapas
de Magos
Coro de Indianos
Babilonios
Escravos

de Damas, e Man-
cebos Babylo-
nios.

A Acção he em Babilonia.

50.341/224

Ilm.^a Snr.^a

*Desejando dar a V. S.^a
humma prova do meu respeito aos
attenciosos, e Distinctos favores
que tenho recebido do Respeita-
vel Esposo, e Familia de V. S.^a
— não posso aproveitar outra oc-
casião mais propria, do que ao
fazer imprimir os Livretos da
Opera, e Dança que levo no meu*

Beneficio, estampar na sua frente o nome de V. S.^a, com o desejo de que neste publico testemunho de gratidão, se conheça quanto se confessa ser

De V. S.^a

Obrigadissima Creada

Judith Schiroti.

Argumento prèvio.

Nino Rei de Babylonia foi casado com Semiramis. Querendo esta influir nos Negocios do Estado, tinha hum partido, de que o primeiro Ministro Assur era o Agente. Como Nino se oppozesse aos intentos da Rainha, esta, incitada por Assur, envenenou o Rei, para ficar depois governando na minoridade de seu Filho Ninia, e Assur com esperanças de se ingerir assim nos destinos do Estado.

ElRei conheceo a causa da sua morte; e receando que o Filho tivesse a mesma sorte, entregou-o ao seu Confidente Fradate, pedindo-lhe que fugisse com elle para sitio occulto, até que tendo idade de conhecer a sua Ascendencia, pudesse vingar a morte do Pai, explicada n'hum Carta que lhe deu, junto com o Diadema Real, e a sua espada, tudo fechado n'hum Caixa.

Ninia faltou; e ambos os Partidos se attribuião desconfianças de que hum delles era causa desta desaparição, sendo voz constante que fôra assassinado, e seu Cadaver occulto.

Fradate fugio com Ninia, a quem no seu retiro chamava filho com o nome de Arzace, e entreteve sempre correspondencia com o Summo

Sacerdote Oroé, que era o unico sabedor deste successo.

Arzace alistou-se, logo que pôde militar, nos Exercitos Reaes; e como valoroso, e bem parecido, grangeou as affeições da Rainha, e os ciúmes de Assur, que como mandava em Chefe o Exercito lhe dava emprego em paizes remotos.

Semiramis cheia de remorsos procurava mitigar os Deoses, que se mostravão irados contra *Babylonia*; e ao mesmo tempo era importunada a dar Successor ao Throno, com a mão d'Azema, Princeza de sangue Real, devida Herdeira, a que aspiravão alguns Potentados visinhos, assim como Assur, a quem ella aborrecia como cumplice no crime a que fôra arrastada. Ella amava secretamente Arzace a quem mandou chamar em particular para vir á Côrte, e destinou hum dia para a cerimonia da eleição do novo Rei de *Babylonia*.

Fradate morreu, neste mesmo tempo, e entregou a Caixa mysteriosa a Arzace, com recommendação de a dar pessoalmente a Oroé no Templo.

He nesta chegada de Arzace a *Babylonia*, por ordem de Semiramis, e pela insinuação de Fradate, que principia a Acção.



ACTO I.

SCENA I.

HE neste dia que se deve celebrar a pompoza cerimonia de se escolher novo Rei de *Babylonia*, que ha de ser o Marido de *Azema*; e toda a Côrte está cheia de Pertendentes, sobre-sahindo hum Principe Indiano que tambem se propôz a Contendor entre os aspirantes ao Trono.

Antes da cerimonia devem fazer-se as Preces publicas no Templo de *Belo*, e o Summo Sacerdote cercado dos seus Ministros implora inspiração do Nume para a marcha dos grandes Successos, que elle sabe devem succeder neste dia em *Babylonia*.

Consultado o Oraculo, e possuido Oroé do espirito profetico, manda abrir as portas do Templo para que entre o Real Cortejo, e Pertendentes, a fazer oblações, e offerias a *Belo*.

SCENA II.

Entrão os Guardas de Semiramis, os Arautos com as offrendas, Indianos, Povo, e Sequito geral. *Idreno*, e *Assur*, e depois *Semiramis*, com *Azema*, e *Mitrane* fazem por intervenção de *Oroé* as Supplicas reverentes ao Nume, devendo notar-se que o Sacerdote se horrorisa de que *Assur* seja hum dos Pertendentes á mão da Rainha, e que com enfática ironia lhe dá a entender que neste dia o seu destino será decidido. *Semiramis* que contava com que *Arzace* tivesse chegado, se mostra afflicta, por que não póde defferir a cerimonia; e no calculo da sua jornada a tempo, tinha destinado este dia para a notavel escolha. Ella sobresaltada pelas enfaticas frases do Sacerdote luta entre os remorsos occultos d'haver dado morte a seu marido, e a paixão amorosa por *Arzace*, a quem ella com todo o segredo medita fazer seu Esposo, contra a geral espectação, que só cuida que se tracta dos Desposorios d'*Azema*, e da eleição do Esposo desta, que ha de ser o Sucessor do Reino.

SCENA III.

Retirados todos do Templo, entra nelle *Arzace*, acompanhado de 2 Escravos, que trazem hum Caixa, a qual lhe foi entregue por *Fradate*, que elle teve sempre por Pai, com recomendação de que a viesse entregar a *Oroé* Summo Sacerdote de *Belo*. He para desempenhar esta Commissão que elle vem ao Templo, logo que chega a *Babylonia* chamado por *Semiramis*, mesmo antes de procurar *Azema* a quem elle ama em segredo.

SCENA IV.

O Grão Sacerdote o recebe com muita distincção, abre a caixa, e *Arzace*, principia a antever misterioso comportamento no negocio desta caixa, e de hum espada, e hum Decreto que ella encerra.

SCENA V.

Sendo interrompidos por *Assur*, *Oroé* entra no Templo. *Assur* vendo *Arzace*, o inquire da razão porque veio do Exer-

cito a Babilonia sem sua licença. *Arzace* que o aborrece extremamente o trata com orgulho, especialmente quando he motejado de pertendente á mão de *Azema*, que *Assur* cuida ser o motivo desta sua subita apparição na Côrte.

SCENA VI.

Partindo ambos irosos, passa a Acção para o interior do Palacio, aonde *Idreno* busca *Azema* para lhe protestar seu amor, mas he desprezado.

SCENA VII.

Semiramis se mostra contente por que sabe da chegada de *Arzace*, que o seu Cortejo lhe vem noticiar. Chega *Mitrane* a dar parte de que tinha chegado de *Memfis* o Mensageiro que foi consultar o Oraculo, para saber o que convinha fazer para acalmar os sobresaltos, e desgostos da Rainha. O oraculo vem por escripto, e he:

„ Cessarão tuas penas,
 „ Encontrarás a paz
 „ Na volta de *Arzace*, com novo
 Himineo.

Este ambiguo papel a faz tranquilizar, e ficar contente, por que julga que os deozes aprovão as suas intenções particulares de despozar *Arzace*, e porisso manda que tudo se prepare para a pompoza cerimonia destinada neste dia.

No Atrio do Palacio disposto para a cerimonia, rodeado este de Guardas, preparada huma Ara, e estando presentes *Oroé*, e Sacerdores Subalternos, *Idreno*, *Assur*, *Arzace*, *Semiramis*, *Azema*, e *Mitrane*, depois das etiquetas da Corte, exige *Semiramis* hum juramento solemne de todos, para se observar religiosamente a sua escolha. Prestado, declara *Semiramis* que escolhe ella para seu Esposo a *Arzace*, e que por isso o respeitem como Rei. Surpreza geral, em huns por verem que o casamento de *Azema* se frustou, e em outros pela inexperada resolução da Rainha. Sobre todos, horrorisa-se *Oroé* por saber que hum Filho he escolhido para Esposo de sua Mãe: elle quer estorvar a conclusão deste Acto com pretextos religiosos, mas ella o obriga a que abençoe os desposorios.

Como neste Atrio he que está situado o Mausoleo Real de *Nino*, no acto em que *Semiramis* quer obrigar ao Sacerdote a que por força a despoze com *Arzace*, hum tremor subterraneo se escuta, abre-se o Mausoleo, e a *Sombra de Nino* apparece pronosticando a *Arzace* que elle hade com effeito ser Rei de Babilonia, mas que primeiro tem crimes a vingar, e que porisso deve executar cegamente o que *Oroe* lhe ordenar. Entre hum terror geral, dispersa-se o Real Cortejo.

Fim do 1.º Acto.

O Martyrio

DE

SANTA BENEMERITA?

BAILE SACRO EM 4 ACTOS

COMPOSTO E DIRIGIDO

POR

João Fabbri.



PERSONAGENS.

IZOLA, Rei de Salerno:

F: Rugalli.

BENEMERITA, Princeza sua Filha:

C: Cassatti.

QUINTILIANO, Principe seu prometido
Esposo:

A: Garzia.

S. MATHEUS, Apostolo:

J: Fabbri.

GRÃO SACERDOTE DE MARTE:

J: Wan-meyl.

O ANJO DA GUARDA:

M: do O'

O DEMONIO, debaixo da figura de S.
Matheus:

A: de Lemos.

Damas do Paço Real — Guerreiros —
Sacerdotes — Guardas — Coro das
Virgens Santas — as Tentações en-
ganosas etc.

ACTO I.

Gabinete de Santa Benemerita.

Noite.

Benemerita prostrada aos pés de *S. Matheus* escuta as divinas palavras, e os conselhos da constancia que he necessaria para supportar com paciencia os trabalhos do mundo, cuja recompensa só se espera na Eternidade. *Benemerita* explica que seu Pai a quer obrigar a casar, e pergunta cemo se deve comportar para o recusar. *S. Matheus* lhe responde, que mais vale soffrer a morte, que faltar ao voto de Castidade. Ella jura de o conservar, e o Santo lhe dá a sua Benção. Principiando a amanhecer, *S. Matheus* se retira com receio de ser surprehendido por ElRei. *Benemerita* fica triste pela ausencia do Santo; mas sentindo rumor vai cobrir huma Cruz que tem industriosamente imbutida na parede. Entrão as Damas, e o

B

Cortejo do Rei, o qual vem acompanhado de *Quintiliano*. O Pai vendo a Filha triste se mostra admirado, e disso inquire a causa, ao que ella não sabe como hade responder.

Izola lhe apresenta o futuro Noivo, e lhe diz que as Nupcias se devem celebrar neste dia. *Quintiliano* se atreve a dar hum beijo na mão da Princeza; acção que a enche de pejo, e desesperação, e lhe dá brio para declarar com nobreza sobrenatural, que não pôde desposar-se, pois que já he Esposa. Surpreso o Rei, lhe pergunta com furor quem he o atrevido que sem o seu consentimento se atreveo a tal arrojo. *Benemerita* cheia de coragem, descobrindo a occulta Cruz da párede, declara que J. C. morto naquelle glorioso Patibulo he o Esposo que ella escolheu, e a quem se entregou. Horror geral ao ver o Sagrado Emblema da Religião Christãa. O Pai ardendo em cólera tira a espada, e hindo a derribar o Santo Lenho, quebra-se a espada, e a Cruz se torna côr de sangue. Surpreza mais estupenda, e turpor universal dos Infieis. Tornando o Rei a si pouco, e pou-

co reassume o seu furor; manda conduzir a Filha ao Templo aonde por força protesta obriga-la a desposar-se com *Quintiliano*, adorando, e fazendo primeiro sacrificios aos Deoses de sua Crença, com pena de morte em caso de repulsa.

Ella implora a morte com toda a constancia, protestando que antes pede a morte do que adorar os Idolos. O Pai surdo às imprecações filiaes, confortando *Quintiliano* se retira em direcção ao Templo.

ACTO II.

Templo de Marte.

Huma grande marcha precede o Rei. Os Sacerdotes circundão o Idolo de Marte. O Rei se apresenta ao Grão Sacerdote, com quem desabafa a dôr de ver sua Filha Christãa. Este Impostor se mostra horrorisado, e conforta o Monarca, dispondo-se Preces geraes ao Nume, para que toque o coração de *Benemerita* a mudar de conceito, e voltar á Religião em que nas-

ceo. Findas estas Gentilicas Ceremonias entra *Benemerita* a quem o Pai conduz junto do Altar para que abjure o Christianismo. A virtuosa Princeza, que já publicamente ostenta de ser Christãa, e que traz ao peito huma Cruz de Ouro, regeita com tenacidade as supplicas, ameaças, e seducções com que a pertendem desviar de seus intentos; e fazendo huma efficaz oração ao Ceo, invocando o auxilio da Cruz que lhe adorna o peito, conjura os Demonios que se tem apossado da Imagem Idolatra, e ao golpe d'hum raio se esmigalha o Simulacro, ao som d'hum terrivel trovão, e tremor de terra. Horror geral, e confusão; mas o Rei invariavel em seus projectos manda conduzir seu Filho para hum Carcere, aonde esperará a decisão do seu desterro que o Conselho dos Satrapas e Sacerdotes vai declarar.

ACTO III.

Prisão Subterranea.

O Grão Sacerdote acompanhado de *Quintiliano* precedem *Benemerita*, a quem cuidão ver apostatar de sua nova crença á vista do horroroso Calabouço. Entra *Benemerita*, e em vez de mostrar temor feminil, cada vez se apresenta mais cheia de coragem, insultando a quem se persuade dissuadi-la, e pedindo que a deixem: he abandonada, e afferrolhada entre as maldições do Grão-Sacerdote, *Quintiliano*, e seu Sequito. *Benemerita* sózinha no meio d'aquelle pavoroso recinto, entra em Oração e extasi contemplativo, agradecendo ao Ceo a constancia que lhe inspira, com tanta expressão de sentimentos, que cahe n'hum deliquio. Apparece-lhe n'huma vizão o Santo Anjo da Guarda que a conforta, e lhe faz avistar hum Coro de Virgens Santas que lhe mostram a Corôa do Martirio, e a Palma do Merecimento com que nesse mesmo dia a devem ornar

no Paraíso. A Santa correndo a abraçar o Nuncio Celeste, desapparece a Vizão. Cahindo depois em melancolica meditação pelo que tarda a hora de sua felicidade apeteçada, entra o Demonio debaixo da Figura de *S. Matheus*. *Benemerita* corre a lançar-se-lhe aos pés, e fica absorta quando lhe escuta conselhos tão avessos do que até alli tinha recebido; pois que se até agora lhe aconselhava firmeza, presentemente a induz a sacrificar aos Idolos por satisfazer a vontade do Pai, e salvar-se á morte. Hum raio de inspiração celeste a [faz attentar neste novo modo de fallar do seu Director Santo, e em quanto a sua razão combate entre contrarias idéas, o Demonio faz apparecer hum Grupo de Genios dos Prazeres Lascivos para tentarem a estremecida Virgem. A Santa se ajoelha e pede o conforto do Divino Auxilio. Apparece o *Anjo da Guarda* conduzindo *S. Matheus*, a cujo aspecto os Espiritos Infernaes fogem, e abre-se a terra para engolir o Demonio para as profundas dos Infernos. O contentamento de *Benemerita* não tem limites, não

só por este auxilio tão efficaz, e a tempo como pela intimação solemne de que a sua morte está proxima, e he necessario resignar-se com intrepidez inabalavel. Dá-lhe o Santo a ultima Benção, e se retira com o Anjo.

O Grão Sacerdote vem intimar a Sentença de Morte, que a Santa recebe com toda a presença de espirito. *Isola* entra possuido de hum accesso furioso com a idea da morte de sua Filha, a quem não podendo convencer novamente da sua pressuposta idéa, se volta depois para o Summo Sacerdote a implorar modificação de Lei em favor do Sangue Real; mas o malvado Hypocrita inflexivel faz com que o Rei se retire, e os seus Sattelites se apassem da victima que he conduzida ao Campo das Immolações.

ACTO IV.

Campo destinado ao Supplicio.

Huma marcha lugubre precede o funebre apparatus: as Damas com os cabellos desgrenhados acompanhão *Bene-*

merita abraçada na sua Cruz. Os Sacerdotes a rodeão, os Guardas guardam o recinto, e o Povo se grupa por toda a parte. O Rei immerso n'hum profunda dôr, ainda tenta dissuadir *Benemerita* de que se sujeite á morte por ser Christã, mas he debalde: a Filha entre súplicas fervorosas ao Ceo, pede que apressem o instante de sua morte, e da sua appetecida eterna felicidade. O Grão Sacerdote raivoso de vêr que hum Mulher se atreve a zombar do pavor de tão apparatoso espectaculo de morte, nem espera que os Littores executem a victimas: elle mesmo com hum punhal crava o coração de *Benemerita*, no momento em que ella dá o ultimo osculo na Cruz em que morre abraçada. O Rei não pôde resistir a este golpe tão doloroso: entra em hum frenezê que o allucina a ponto de que se traspassa com a sua espada e vai a querer cahir junto do Cadaver da Filha, quando huma nuvem desce do Ceo, e chegando perto do Corpo de *Benemerita* se abre e deixa vêr o interior d'hum aureola brilhante que rodêa o Anjo da

Guarda, Coros de Serafins e Cherubins, no meio dos quaes a Santa he conduzida para a Gloria entre harmoniosos concertos e summa alegria. Quadro Geral, com que finda o Baile.

Fim do Baile.

Segue-se o 2.º Acto

DE

SEMIRAMIS.

[27)

ACTO II.

SCENA I.

Semiramis he procurada por *Assur* que altivamente a exprobra de lhe não pagar os seus Serviços em lhe dar a mão d' *Azema*, e a Successão do Throno. Como ambos são cúmplices do Assassínio de *Nino*, hum ao outro se lanção em rosto os crimes reciprocos, e se retirão jurando-se terrivel vingança.

SCENA II.

Templo.

Oroé faz entrar *Arzace*, e lhe revela o segredo fatal de que he *Ninia* filho de *Nino*, e não *Arzace* filho de *Bradate*. — Explica-lhe mais o assassinio de seu Pai por sua Mãe *Semiramis*, e pelo Ministro *Assur*. A revelação deste segredo he acompanhada da leitura do Decreto de *Nino*, que estava dentro da Caixa.

" Nino expirando ao seu fiel Fradate.

" Eu morro.... envenenado.

" Salva de igual perigo

" Ninia meu doce filho....

" Que elle me vingue hum dia....

" Assur foi o traidor....

" A minha perfida esposa....

Oroé entrega ao filho a espada do Pai, e o obriga a jurar vingança.

SCENA III.

No interior do Palacio, *Azema* se queixa a *Mitrane* de que *Semiramis* por ambição de reinar lhe roubou o Amante e o Esposo.

SCENA IV.

N'hum pateo por onde se desce para o Sepulcro de *Nino*, destinado por *Assur* para ser o sitio em que com os seus Conjurados possa tramar a morte de *Arzace*, he informado de que o Summo Sacerdote o tinha declarado ao Povo como suspeito de traição ao Throno. *Assur* jura de novo vingança, e he tal o frenezim que delle se apossa, que

cahe n'hum delirio, crendo que a sombra de *Nino*, que elle ajudou a envenenar, lhe apparece.

Tornando a si, delibera-se a consumir o projecto, e entranha-se no interior do Sepulcro, aonde sabe que *Arzace* hade vir fazer huma Hecatomba, e onde projecta assassina-lo.

SCENA V.

Por huma Salla do Palacio, *Arzace* vai fugindo de *Semiramis*, por que como sabe que ella he sua Mãi, quer evitar o alimentar-lhe mais a incestuosa paixão que a devora. *Semiramis* insta com *Arzace* a que corresponda ao seu Amor, até porque já o vê coroado e cuida que he pela escolha que ella fez. *Arzace* horrorisado, lhe descobre o fatal segredo, dande-lhe a lêr o decreto de *Nido*.

Entrevista de interesse e apaixonada entre a Mai, e o Filho; partindo *Arzace* a vingar-se de *Assur*, como victima votada aos Manes de seu assassinado Pai.

SCENA VI.

Ao interior do Subterraneo do Mausoleu de *Nino* descem por diferentes paragens, *Arzace*, *Oroé*, *Assur*, e *Semiramis*. *Semiramis* vem implorar a sombra do Esposo a que lhe perdôe: *Assur* vem esperar *Arzace* para o assassinar: *Oroé* vem para assistir ao desenvolvimento final dos destinos de *Babylonia*: *Arzace* intenta vingar-se de *Assur* junto do tumulo de seu Pai, porque sabe que *Assur* penetrou neste recinto.

Semiramis implorando o auxilio do Ceo, se dirige para o Tumulo de *Nino* aonde entre lagrimas, e suspiros invoca os Manes do Esposo. *Oroé* que a observa no lugar a que hum destino celeste a chama, grita a *Arzace* pelo seu Nome de *Ninia*, que vibre o golpe; e *Arzace* ouvindo murmurio de voz junto do Mausoleu, crê que he *Assur*, e traspassa o vulto que vê diante delle.

Oroé vendo satisfeito o Oraculo manda vir luzes. *Arzace* que vê *Assur* ainda vivo fica surpreso, pois que cuidando tê-lo morto, não era elle o que estava junto do Sepulchro de *Nino*. Man-

da que seja conduzido em ferros para soffrer o castigo público de seus crimes, mas *Assur* cheio de constancia e raiva lhe mostra o cadaver da Mãe, morta por suas mãos. Quadro geral de terror. *Ninia* quer matar-se a si proprio, mas he suspenso por *Oroé* que lhe revela ter sido tudo completo pela vontade dos Deoses, e partem a apparecer ao Povo, e a dar-lhe parte dos extraordinarios successos do momento.

FIN.

65250

2